



METODOLOGIAS FEMINISTAS NO TRABALHO COM JOVENS

A EXPERIÊNCIA COM O GRUPO DE INFORMAÇÃO E
AÇÃO EM SEXUALIDADE (GIAS)

Grupo Transas do Corpo
2010





Coordenação do Projeto: Kemle Semerene Costa
Produção e diagramação: Cláudio Pedrosa
Textos: Cláudio Pedrosa, Eliane Gonçalves; Lenise Santana Borges;
Kemle Semerene Costa.
Fotos: Acervo Transas do Corpo (exceto p. 5: capturado na Internet)
Revisão Joana Plaza Pinto.

Grupo Transas do Corpo

Metodologias feministas no trabalho com jovens: a experiência com o Grupo de Informação e Ação em Sexualidade (GIAS). Goiânia: Grupo Transas do Corpo, 2010. 16 p.

1. Metodologia. 2. Educação popular 3. Feminismo. 4. Juventude

Conteúdo

Apresentação	3
I. DEFINIÇÕES PRELIMINARES	4
O Grupo Transas do Corpo	4
Goiânia, a cidade do Transas.	5
II. Educação Feminista no trabalho com adolescentes	6
Algumas Definições	6
Educação Popular e feminismo	6
Propostas da Pedagogia feminista	7
Adolescentes e Jovens	8
O Enfoque nos problemas	8
Abordagem bio-médica	9
III. Grupo de Informação e Ação em Sexualidades	10
Uma metodologia participativa	10
Pesquisa: educação feminista com jovens	11
Avaliação	12
Oficina: Com que método eu vou?	13
Palavra de educadora feminista	14
Indicações de Leituras	16
Feminismo e educação popular	16
Adolescentes	16
Gênero e Sexualidade	16

Apresentação

Esta cartilha é resultado da pesquisa “*Metodologias feministas aplicadas a um grupo de jovens em Goiás: a trajetória do GIAS*”, desenvolvida pelo Grupo Transas do Corpo, com apoio da *International Women's Health Coalition* (IWHC), uma instituição que trabalha para garantia dos direitos sexuais e reprodutivos de mulheres e jovens em todo o mundo.

O objetivo desta publicação é oferecer um registro da experiência da equipe do Transas do Corpo no desenvolvimento de metodologias educativas para o trabalho com jovens e adolescentes, adotando um aporte de gênero e feminista.

Boa parte da discussão apresentada aqui foi desenvolvida de modo mais detalhado no relatório técnico da referida pesquisa, que está disponível para *download* no site www.transasdocorpo.org.br.

Esta cartilha constitui, assim, uma alternativa “mais amigável”, dirigida para jovens e educadoras(es) interessadas(os) em discutir ou obter referências sobre metodologias educativas de forma leve ou introdutória. Podemos dizer que é um material que visa mais “inspirar” do que instrumentalizar outros grupos e pessoas interessadas na promoção dos direitos dos jovens.

A primeira parte apresenta o Transas do Corpo e a cidade de Goiânia; a segunda parte oferece uma discussão sobre metodologias educativas e sobre as perspectivas de estudos que têm se dedicado aos jovens. A terceira parte refere-se ao grupo que surgiu como projeto educativo do Transas do Corpo, o GIAS, cujo impacto na vida das(os) adolescentes foi alvo da pesquisa já referida. Esta cartilha oferece ainda um exemplo de oficina realizada com o grupo; o manifesto elaborado pelas(os) jovens e utilizado nas atividades de multiplicação desenvolvidas nas escolas públicas; trechos das falas das educadoras do GIAS durante entrevista para a pesquisa. Não é um relato exaustivo de todas as atividades desenvolvidas pelo grupo, é - como já dissemos - um registro inspirador, para que outros grupos possam se espelhar e inventar suas próprias ferramentas.

Note-se que este documento, ao contrário das realizações do GIAS, não é um produto direto das(os) jovens, mas um trabalho realizado pela equipe técnica do Transas do Corpo, após o encerramento das atividades do grupo, e assumimos assim inteiramente a responsabilidade por eventuais falhas teóricas ou políticas.



I. DEFINIÇÕES PRELIMINARES

O Grupo Transas do Corpo

Nosso estatuto registra que O Grupo Transas do Corpo - Ações Educativas em Gênero, Saúde e Sexualidade é uma “organização civil de direito privado sem fins lucrativos e econômicos, não partidária, com finalidade educativa, cultural e de pesquisa...” (Art. 1) e “tem como missão desenvolver estratégias para redução das desigualdades de **gênero** através de ações educativas, culturais e de pesquisa inspiradas nos princípios feministas de igualdade, pluralidade e solidariedade” (Art.4).

Isso quer dizer que o Grupo Transas do Corpo (Transas do Corpo ou simplesmente Transas) é uma organização não-governamental que desenvolve estudos e pesquisas, atividades educativas e de formação visando à disseminação das idéias e valores que caracterizam a luta histórica das mulheres por cidadania, igualdade e justiça.

Gênero:

Forma de organizar o mundo, baseado nas noções de “masculino” e “feminino”. A partir de diferenciações entre os sexos, percebidas como naturais, a cultura impõe uma ordem aos corpos e às práticas.

Por ex.:

1. O mamoeiro macho não produz ou produz frutos deformados, sem valor comercial (informação do site da Sec. Estadual de Agricultura da Bahia).
2. Os homens não levam jeito pra cuidar de crianças; assim como as mulheres não entendem de futebol.

O que parece ser uma constatação passa a ser uma regra que, no caso 2, orienta a conduta das pessoas em geral no que diz respeito, nos casos, ao envolvimento dos homens com o cuidado das crianças e das mulheres com jogos de futebol.

HISTÓRICO - O Grupo Transas do Corpo foi criado em 1987. Nessa época o Brasil vivia o período de reabertura política, após vinte anos de restrições impostas pela ditadura militar. A partir dos anos 1980, tivemos a (re)organização de grupos feministas em todo o país.

O campo aberto pela sociedade civil em pleno processo de abertura política mobilizou os sonhos e ambições de transformação do mundo de quatro jovens mulheres atuantes em diferentes grupos de reflexão ou instituições governamentais nos campos da saúde e da educação na cidade de Goiânia. Motivadas pelo desejo de preencher a lacuna sentida àquela época, pela ausência de um grupo feminista formalmente organizado na capital goiana, essas quatro jovens ativistas, analisando os prós e os contras, decidiram fundar a primeira ONG feminista de Goiás.

REALIZAÇÕES - Ao longo da sua história, o Transas do Corpo vem desenvolvendo estratégias para a redução das desigualdades de gênero, atuando junto a um público formado especialmente por profissionais de saúde e de educação, além de lideranças dos movimentos sociais. Tem como ponto alto de sua atuação a realização de projetos de inclusão do debate sobre sexualidade na escola e no meio acadêmico e na política educacional de Goiás.

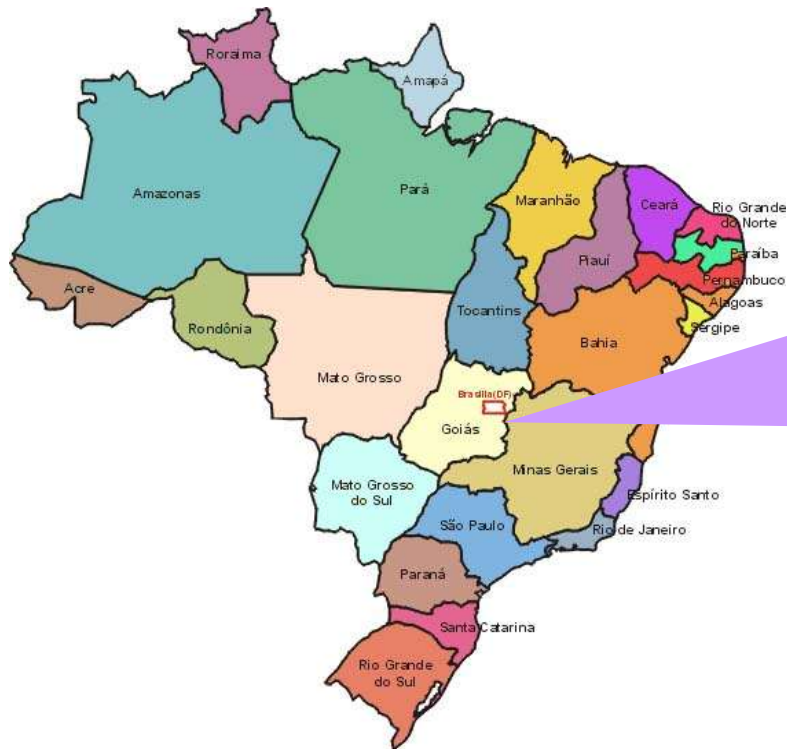


Goiânia, a cidade do Transas

Goiânia, capital do estado de Goiás, é uma jovem cidade, planejada e construída em meados dos anos 1930 e inaugurada oficialmente em 1942.

Localizada no centro do país, mais precisamente na Microrregião Central, distante cerca de 200 km de Brasília, capital federal, a cidade apresentou mudanças rápidas no curso de seu crescimento e desenvolvimento nas últimas décadas.

Goiás é o estado brasileiro mais populoso da região Centro-Oeste, com uma extensão territorial de **340.086,698** Km², correspondendo a 4% do território nacional.



Conforme dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE, a população de Goiás em 2007 totalizava 5.647.035 habitantes, distribuídos em 246 municípios

Também de acordo com informações do IBGE, a população jovem residente no estado está assim distribuída: 9,39% tem de 10 a 14 anos; 8,61% entre 15 e 19 anos; 8,74%, de 20 a 24 anos e 8,45%, entre 25 e 29 anos.



II. Educação feminista no trabalho com adolescentes

Algumas definições

As educadoras feministas Ana Paula Portella e Taciana Gouveia, na publicação *Idéias e dinâmicas para trabalhar com gênero* (1999), nos ensinam que metodologia é, ao mesmo tempo, o que se pensa sobre um processo (concepção) – nesse caso, a educação – e o modo como essa educação acontece (processo). Segundo elas, as técnicas que possibilitam a metodologia são parte tanto da concepção, quanto do processo.

A partir desse ensinamento, compreendemos a metodologia desenvolvida pelo movimento feminista para a ação educativa com ênfase nas atividades de grupo, de forma participativa, baseada na integração da experiência pessoal de participantes com conhecimentos teóricos e técnicos. Essa perspectiva, inspirada no referencial teórico-metodológico do educador Paulo Freire, focaliza a experiência pessoal da(o)s educando(a)s e define metas mais amplas do que a apropriação de conteúdos informativos. Essa perspectiva humaniza o processo educativo e possibilita a transformação das relações sociais de classe, de raça e de gênero.

Educação popular e feminismo

No Brasil, a perspectiva da educação popular já é muito conhecida, devido à ampla divulgação do movimento de Educação Popular, e tem sido utilizada em trabalhos com diferentes públicos, inclusive com jovens. Por ser criada e repassada na prática política, contém marcas constantes (segue modos semelhantes) e o seu sucesso depende, em grande medida, da capacidade teórica e técnica da(o)s educadora(e)s, mas depende, sobretudo, do grau de compromisso destas com a emancipação do(a)s participantes.

No caso específico da educação feminista, que adota essa mesma perspectiva, a diferença fundamental reside na atenção dada às relações de gênero, ampliando a crítica dos modos de produção e consumo para o enfoque na vida e nas relações de reprodução, do

mundo do trabalho doméstico e das relações familiares. O feminismo inclui a dimensão do corpo, da sexualidade, da afetividade e do desejo nas reflexões sobre as relações econômicas, o trabalho, a saúde e a educação.



Propostas da Pedagogia feminista

A pedagogia feminista assume, como meta, o pleno direito ao corpo e à intimidade, que na abordagem mais tradicional da educação popular ainda era tabu ou que era vista como uma experiência da vida separada do projeto coletivo de emancipação. Assim, a pedagogia feminista traz para o campo da educação popular questões relativas aos direitos sexuais (com quem transar? Quando e como transar? Transar por prazer ou por obrigação? etc.), aos direitos reprodutivos (ter ou não ter filhos? Devo trazer camisinha na bolsa? Quais os métodos contraceptivos? Por que o aborto é crime?); às desigualdades de gênero (por que os homens ganham mais que as mulheres? Porque há poucas mulheres como deputadas e senadoras? Se há muitas mulheres advogadas, porque não há muitas mulheres juízas?). E coloca a(o) participante no centro dessas questões - o que essas questões têm a ver comigo e com minha relação com mulheres e homens?



Adolescentes e jovens

Desde as últimas décadas do século XX, a adolescência e a juventude passaram a ser objetos de variados estudos. Abordagens diversificadas de diferentes áreas do conhecimento revelam diferentes compreensões sobre esse fenômeno.

A maior parte dos estudos enfoca a questão do ponto de vista das fases do ciclo da vida, uns enfatizando mais aspectos biológicos, outros os socioambientais do desenvolvimento. A maioria busca uma equação por meio da descrição dessa fase como processo biopsicossocial. Alguns poucos estudos encaram o fenômeno dentro de um viés histórico construcionista, enfocando os modos de produção, a linguagem e o imaginário social das sociedades modernas ocidentais. Esses estudos questionam a própria idéia de desenvolvimento linear, organizado em etapas ou ciclos evolutivos e degenerativos, idéia da qual derivam as noções de adolescência/juventude.

Um dos problemas associados ao enfoque desenvolvimentista é que ele resulta de, e reforça o "adultocentrismo", uma hierarquia das pessoas baseada no tempo presente, valorizando a experiência de certa faixa etária (os adultos) como a fase ideal, menosprezando aspectos da experiência das gerações mais novas e das mais velhas.



O enfoque nos problemas

Os estudos que tratam da adolescência e da juventude como fenômeno biopsicossocial, geralmente, exploram mais os riscos sociais (mesmo quando falam em vulnerabilidades) focalizando os problemas gerados nos contextos socioeconômicos e culturais e psicológicos. O resultado é que esse público acaba sendo visto mais por suas necessidades, do que por seus direitos; destacam-se os problemas que as(os) adolescentes causam ou dos quais são vítimas. "O problema" do enfoque nos problemas é que a ação decorrente é assistencialista, baseada na tutela de um grupo protegido. No enfoque de direitos, a ação busca produzir autonomia e relações igualitárias.

Abordagem biomédica

A adolescência é definida pela Organização Mundial de Saúde (OMS) como o período da vida em que surgem as características sexuais secundárias e quando se desenvolvem processos psicológicos e padrões de identificação que evoluem da fase infantil para a adulta. Entre estes, a transição de um estado de dependência para o de relativa autonomia. Essa definição reflete o predomínio do pensamento biomédico e adultocêntrico na visão da OMS.

Já o Fundo de População das Nações Unidas (UNFPA) define "população jovem" como o segmento entre 10 a 24 anos. Nessa definição há a ressalva de que é preciso considerar as diferentes culturas e contextos sociais, políticos e econômicos, sendo relevante referir-se no plural a adolescências e juventudes, dada a diversidade e complexidade desse grupo etário.

No Brasil tem sido convencional o uso da faixa etária de 12 a 18 anos para designar a adolescência, e para a juventude, de 15 a 29 anos. Essa definição tenta articular princípios históricos, jurídicos, psicológicos, econômicos e sociais à definição, levando em conta questões que afetam diretamente a população dessas faixas etárias, como emprego/desemprego; educação; imputabilidade judicial; saúde e acesso a bens e serviços; lazer e produtos de consumo etc.



III. Grupo de Informação e Ação em Sexualidade



O Grupo de Ação e Informação em Sexualidade (GIAS) surgiu como um projeto de formação continuada, coordenado pela equipe do Grupo Transas do Corpo, a partir da mobilização de adolescentes, de ambos os sexos, participantes do encontro "Vida de Adolescente", que foi realizado como atividade de encerramento do projeto *Transas Adolescentes*.

As atividades do GIAS foram desenvolvidas com recursos do Transas do Corpo, entre 2005 e 2008. O trabalho foi realizado por meio de encontros periódicos, na sede do Transas, sob a coordenação de uma educadora da equipe, com a finalidade de se constituir como um espaço dirigido às(aos) adolescentes, para discussão sobre sexualidade, gênero, direitos sexuais e direitos reprodutivos, utilizando metodologias participativas, com enfoque feminista.

No decorrer dos quatro anos, o GIAS contou com a participação de adolescentes de ambos os sexos. A frequência nas reuniões variava entre 6 a 19 participantes. A maioria das(os) integrantes era proveniente da região Sul de Goiânia e entorno, com idades entre 13 e 18 anos, estudantes de escolas públicas, cursando o ensino médio.

Uma metodologia participativa

Ao longo do tempo, as(os) participantes do GIAS não somente viveram o processo de formação em grupo, como também compartilharam seus conhecimentos – sobre corpo, saúde, sexualidade, relações de gênero, direitos sexuais e direitos reprodutivos – com outras(os) jovens, seja em casa, na escola, no trabalho ou em outros espaços do movimento social.

A primeira participação do grupo em eventos fora do espaço do *Transas do Corpo* aconteceu no *II Encontro Goiano de Adolescentes*, promovido pelo Núcleo de Estudos e Coordenação de Ações para a Saúde do Adolescente (NECASA/UFG), quando as(os) adolescentes integraram atividades culturais, oficinas temáticas e divulgaram o trabalho do GIAS.

Uma experiência marcante nesse sentido foi a participação em oficinas de direitos sexuais, direitos reprodutivos e metodologias feministas, com jovens educadoras do Grupo Curumim de Recife/PE e da Cunhã Coletivo Feminista de João Pessoa/PB, com o apoio da International Women's Health Coalition (IWHC).



Pesquisa: educação feminista com jovens

A equipe do *Transas do Corpo*, visando refletir sobre o uso da metodologia feminista no trabalho com o GIAS, entrevistou seis jovens e duas educadoras que acompanharam o grupo entre 2005 e 2008.

A pesquisa, feita por meio de entrevista semi-estruturada, indagou as(os) participantes sobre o sentido dessa experiência educativa para suas vidas pessoais. A partir das questões propostas às(aos) jovens e às



educadoras, foi possível analisar aspectos como o significado da experiência; elementos da vida afetiva e sexual das(os) jovens; assim como avaliar o uso de metodologia feminista no trabalho com jovens e adolescentes.

O relatório completo desta pesquisa está disponível no site do *Transas do Corpo*: www.transasdocorpo.org.br



Avaliação

A avaliação das educadoras e das(os) adolescentes, assim como de alguns familiares, ressaltando mudanças importantes em suas vidas, mostrou-nos que a experiência foi muito positiva. Mostrou também que a metodologia feminista pode ser uma importante estratégia para o trabalho com adolescentes, especialmente no que diz respeito à vivência em grupos e a questões relacionadas à vida afetiva e sexual.



Carta do Gias – Manifesto em defesa dos direitos sexuais e reprodutivos de jovens, utilizada em oficinas de multiplicação em escolas públicas.



GIAS: DESEJOS, NECESSIDADES E VONTADES

De 2003 a 2004, o Grupo Transas do Corpo, por meio de um convênio com a Secretaria Municipal de Educação de Goiânia, desenvolveu trabalhos com adolescentes das escolas públicas da Região Sul da cidade. Depois de participarmos de mini-cursos na sede do Transas, nós, as/os adolescentes, realizamos o encontro *Vida de Adolescente*, reunindo 48 dos 129 adolescentes participantes dos mini-cursos. Durante o encontro, foi sugerido por todas/os que se formasse um grupo para dar continuidade às oficinas realizadas até então. No começo de 2005, nós nos reunimos e continuamos as oficinas. Assim surgiu o grupo de adolescentes chamado Gias – Grupo de Informação e Ação em Sexualidade.

Nós do Gias acreditamos que, tanto no campo dos direitos sexuais, quanto dos direitos reprodutivos, o que tem que prevalecer é o **RESPEITO**. Isso levando-se em consideração as relações que se estabelecem de acordo com a cor da pele, etnia, religião, situação sócio-econômica, idade, condições físicas, estado civil, sexo ou orientação sexual.

Nós propomos o **livre acesso a preservativos** nos postos de saúde, pois acreditamos que a situação atual propicia o **controle da nossa vida sexual** pelos agentes da saúde, uma vez que eles querem nos influenciar a ter relações sexuais apenas após os 18 anos.

Acreditamos que o **aborto** ocorre, muitas vezes, por questões ligadas à vida privada, à liberdade e ao bem-estar das mulheres. A **gravidez indesejada**, por exemplo, é um dos motivos recorrentes para o aborto. E ela não decorre apenas de sexo forçado ou irresponsável como se costuma dizer, sendo mais frequente em jovens solteiras e de classe baixa.

Queremos **profissionais preparados** para nos orientar quanto à utilização de métodos contraceptivos e da pílula do dia seguinte, e nos esclarecer sobre o aborto, sem que sejamos julgadas/os e sem tentativas de controlar a nossa sexualidade, principalmente com orientações repressivas sobre sexo.

Os jovens estão pegando DSTs/Aids por fazerem sexo sem camisinha e as mulheres casadas por acreditarem que nunca serão traídas. Queremos **dialogar mais** sobre esses assuntos com nossas famílias, queremos mais informações, queremos **campanhas de conscientização** específicas para jovens que possam incluir tais assuntos em nossas vidas de forma eficiente.

Desejamos aceitação e respeito às nossas **orientações afetivo/sexual** e apoio familiar. Queremos conversar com nossas famílias sobre nossas orientações e mostrar que a homossexualidade não é um problema e que o diálogo é um caminho possível para que os preconceitos sejam quebrados.

Tendo em vista os problemas e dificuldades que nós jovens enfrentamos, queremos convidar a sociedade e principalmente as/os jovens a exigirem mudanças, para que sejamos ouvidas/os. É preciso ressaltar que somos **sujeitos de direitos**, que temos o direito de sermos ouvidas/os e de opinar sobre quaisquer assuntos, principalmente os que nos dizem respeito, pois queremos ser sujeitos de nossas vidas, queremos **participar** da vida política de nosso país e **contribuir para a mudança** das situações que aqui denunciamos.

Goiânia, abril de 2007.

Grupo de Informação e Ação em Sexualidade
gias@transasdocorpo.org.br
tel: (62) 3095-2301

Oficina: Com que método eu vou?

Objetivo: Informar adolescentes (13 a 18 anos) frequentadoras(es) de uma biblioteca municipal sobre os métodos contraceptivos existentes para que possam fazer a melhor escolha.

Data: 25 de outubro de 2007

Horário: 16h **Duração:** 2h

Quantidade de participantes: aproximadamente 15 adolescentes.

Educadoras: Daruska, Laís, Sthéfany e Fernanda

Apresentação inicial Gias: Boa tarde / Nomes / Gias e *Transas* (explicar) – 3 min

Aquecimento: Batizado Mineiro – 10 min

Pedir às(aos) participantes que formem um círculo. Dizer que todas(os) vão se apresentar, só que de uma forma diferente, explicando como será. Dar um passo à frente e dizer seu nome, uma palavra com a inicial do seu nome e um gesto correspondente, voltar para roda e todo o grupo deve repetir o nome, a palavra e o gesto retornando ao círculo. O aquecimento termina quando todo o grupo se apresentar.

Falar sobre o tema da oficina.

Falar que faremos uma chuva de idéias, então é para que falem tudo que vier à cabeça quando fizermos a pergunta:

- **Quando ouço falar em métodos contraceptivos eu penso em...**

Anotar as palavras que vão aparecendo.

Em seguida, sentar em roda e disponibilizar no centro os vários métodos contraceptivos.

Perguntar ao grupo:

- Alguém conhece algum desses métodos?
- Sabe para que serve?
- Como utilizar?

Fechar as idéias e discussões trazidas pelo grupo

Avaliação: Em roda, de pé, pedir para que cada pessoa diga uma palavra para descrever a oficina.

Fechamento: Roda de beijos

Recados: Convide para fazer o mini-curso, colocar nome na lista.

Observações:

Se der tempo poderíamos fazer uma rodada com a caixa de perguntas, onde as pessoas escreveriam em pequenos pedaços de papel suas dúvidas e colocariam na caixa, depois cada pessoa do grupo tira da caixa uma pergunta e tenta responder.

Sugestão:

Fazer inicialmente a técnica do “Boas Tardes”.

Que cada uma de nós fique responsável por uma parte da oficina, assim dividiríamos tarefas, porém a parte técnica (conhecimentos específicos) seria responsabilidade de todas.

Materiais Necessários:

Kit de métodos
Preservativos para distribuir
feminino e masculino (pelo menos
1 para cada)
Porta camisinhas
Carta do Gias
Cartão de Planejamento Familiar

Material para sorteio (camiseta do
Gias e publicações do *Transas*)
Lista de contatos (com telefones,
emails, endereço, nome)
Maquina fotográfica
3 folhas de papel pardo
1 pincel atômico ou canetão
1 fita crepe

Palavra de educadora feminista



O GIAS foi um trabalho muito, muito diferente de algumas propostas que a gente via por aí enquanto trabalho com adolescentes. Mas esse trabalho só foi possível, por tantos anos, com uma temática, vamos dizer assim, espinhosa, porque foi feito com a metodologia feminista. Talvez com outra metodologia você não tivesse os resultados que o GIAS teve; você não tivesse o retorno que a gente teve.

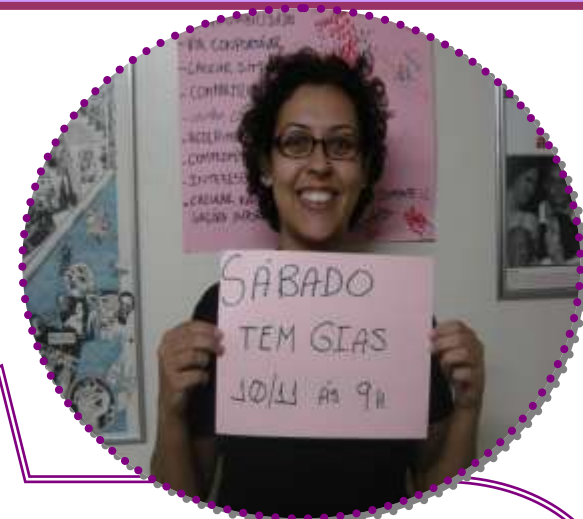
Eu acho que nisso o GIAS colaborou não só na questão da sexualidade, mas colaborou com as pessoas que participaram ali, a questão de respeitar outras pessoas, de respeitar as diferenças, de respeitar as falas, de ter espaço de fala, de proporcionar que eles pensassem criticamente sobre diversas coisas, que eles pensassem sobre determinados assuntos ou que pudessem ter espaço para falar o que pensavam; o que sentiam em relação desde a política, eleição, até mesmo sobre os sentimentos, sobre o amor e os desamores, pensamentos... acho que ali eles tiveram espaço.

A metodologia feminista permite que isso seja discutido, isso faz parte do trabalho, isso faz parte do assunto, por mais que possa parecer descontextualizado. Existe sim um contexto, existe sim um porque daquilo surgir ali e tudo precisa ser respeitado.

(Fernanda Calderaro)

Eu acho que a história é a forma que se vê a educação. Ela é mais ampliada, por exemplo, eu acho que a metodologia feminista amplia a concepção que a gente tem de aprendizagem, de ensino-aprendizagem. E aí então eu poderei dizer que é um grupo educativo, mas de que tipo de educação eu estou falando? Que tipo de educação eu estou construindo? Pra mim a metodologia feminista amplia isto. Ela não é o tipo de educação que a gente conhece em escola, nem o tipo de educação que a gente conhece em alguns espaços de oficinas. Eu tive a oportunidade de participar de outras oficinas, em outros lugares, outros grupos e na minha adolescência também. E, além do mais, eram muito mais ligados à religião. Enfim, eu acho que a metodologia feminista abre outras possibilidades.

(Elcimar Dias Pereira)



Eu acho que tivemos diversos retornos, não sei se [agora] eu vou me lembrar de todos, mas enfim, o bem marcante até hoje foi a mãe de um dos adolescentes que foi até o *Transas* para agradecer pela mudança que o filho dela estava tendo. O filho que, até então, hostilizava as irmãs, não usava nem roupa rosa por achar que era coisa de gay, não ajudava em nenhum trabalho dentro de casa..., era extremamente calado também, não conversava, não tinha essa interação dentro de casa, e ela relata que depois que ele começou a frequentar o GIAS, ele chegava em casa e colocava todo mundo no sofá pra contar as coisas que ele tinha aprendido, pra discutir sobre determinados assuntos, a relação com as irmãs melhorou tremendamente. Não se importava mais com a cor da roupa que usava (se era rosa ou não) e passou a ajudar nas tarefas domésticas...

(Fernanda Calderaro)

Indicações de leituras

Feminismo e educação popular

FREIRE, Paulo. Pedagogia do Oprimido. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

PORTELLA, Ana Paula & GOUVEIA, Taciana. Idéias e dinâmicas para trabalhar com gênero. Recife: SOS Corpo, 1999.

RODRIGUES, Verone Lane. Pedagogia da Humanidade: por uma Epistemologia Feminina Freiriana. Revista Lusófona de Educação, n. 9, 2007, p. 51-59.

VASCONCELOS, Eymard Mourão. Educação popular: de uma prática alternativa a uma estratégia de gestão participativa das políticas de saúde. Physis, Rio de Janeiro, v. 14, n. 1, jun. 2004, p. 67-83.

Adolescentes

ASSIS, Simone et al. Encarando os desafios da vida: uma conversa com adolescentes. Rio de Janeiro: Centro Latino Americano de Estudos de Violência e Saúde Jorge Careli, Fundação Oswaldo Cruz, 2005.

BARBER-MADDEN, Rosemary; SANTOS, Taís de Freitas (org.). A juventude brasileira no contexto atual e em cenário futuro. Brasília: UNFPA, Secretaria Nacional de Juventude, Universidade de Brasília, 2010. Disponível em: <http://www.unfpa.org.br/Arquivos/livro_juventude.pdf>. Acesso em: 10 mar. 2010.

CASTRO, Jorge Abrahão de; AQUINO, Luseni (org.). Juventude e políticas sociais no Brasil. Brasília: IPEA, 2008. Disponível em: <http://www.ipea.gov.br/sites/000/2/publicacoes/tds/td_1335.pdf>. Acesso em: 10 mai. 2010.

FNUAP. Jovens: quem são, o que querem, do que precisam. Brasília, s.d. Disponível em:

<<http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/exposicoes/sociedade/publicacoes/unfpa/Jovens,%20o%20que%20s%E3o%20o%20que%20querem%20do%20o%20que%20precisam.pdf>>. Acesso em: 26 fev. 2009.

FREITAS, M. Virgínia de (org.). Juventude e Adolescência no Brasil: referências conceituais. São Paulo: Ação Educativa, 2005. Disponível em:

<http://www.acaoeducativa.org.br/portal/components/com_booklibrary/ebooks/caderno%20JUV%20final.pdf>. Acesso em: 10 mar. 2009.

Gênero e sexualidade

BORGES, Lenise S. Feminismo e lesbianismo. Fazendo Gênero, ano VIII, n. 20, jul/out. 2004.

BRANDÃO, Elaine Reis; HEILBORN, Maria Luiza. Sexualidade e gravidez na adolescência entre jovens de camadas médias do Rio de Janeiro. Cadernos de Saúde Pública, v. 22, n. 7, 2006, p. 1421-1430. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-311X2006000700007&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 07 mai. 2010.

FOUCAULT, Michel. História da sexualidade. I. A vontade de saber. Rio de Janeiro: Graal, 1985.

VANCE, Carol S. A Antropologia redescobre a sexualidade: um comentário teórico. Physis, Rio de Janeiro, v. 5, n. 1, 1995, p.7-31.